

PROCESSOS DE INTERNACIONALIZAÇÃO: A INFLUÊNCIA DO JOURNAL OF INTERNATIONAL BUSINESS STUDIES EM PERIÓDICOS BRASILEIROS

RESUMO Este artigo analisa a produção científica em processos de internacionalização no Brasil registrada em periódicos brasileiros e a influência que recebe dos 25 artigos mais citados no “Journal of International Business Studies (JIBS)”. Para tal, foram verificadas as citações dos trabalhos do JIBS presentes nos principais periódicos de administração brasileiros, a Revista de Administração Contemporânea (RAC), o Brazilian Administration Review (BAR) e a Revista de Administração de Empresas (RAE). Houve uma categorização teórica dos textos, divididos em escola nórdica ou de Uppsala; paradigma eclético; teoria de análise dos custos transacionais; e a abordagem das redes de cooperação. Posteriormente foram realizadas comparações sob uma perspectiva analítica para a observação de convergências e divergências entre os trabalhos. A conclusão considerou as principais críticas e contribuições dos periódicos brasileiros. Os autores comprovam a aplicação de pontos da abordagem nórdica ou de Uppsala no Brasil, enquanto criticam suas dimensões temporais e espaciais. As questões levantadas na abordagem eclética foram o papel das subsidiárias e governança corporativa. A teoria dos custos transacionais é criticada por não enfatizar o aprendizado nas parcerias. Enquanto que na abordagem das redes de cooperação e alianças internacionais o nível de controle em relação aos recursos comprometidos nas alianças é ressaltado.

Palavras-chave: Internacionalização, Negócios Internacionais, Publicação Brasileira, Publicação Internacional.

Recebido em 08/janeiro/2013

Aprovado em 22/abril/2013

Sistema de Avaliação: Double Blind Review

Editor Científico: Dorival Geraldine Gomes

Revista de Administração da UEG – ISSN 2236 1197

Renato Tocantins Silva, graduado em Relações Internacionais e mestrando em Administração pela Universidade Federal do Ceará - PPAC/UFC, e-mail: retosi@gmail.com.

José de Paula Barros Neto, graduado em Engenharia Civil e doutorado em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, professor titular na Universidade Federal do Ceará, e-mail: barrosneto@terra.com.br.

ABSTRACT This article reviews the Brazilian literature on internationalization process and the influence of the 25 most cited articles published in the Journal of International Business Studies (JIBS) in these articles. For such purpose, the citations of the JIBS found on the main Brazilian administration journals namely Revista de Administração Contemporânea (RAC), Brazilian Administration Review (BAR) and Revista de Administração de Empresas (RAE) were verified. The papers were classified in terms of theoretical categories: Nordic School or the Uppsala model of internationalization, Eclectic paradigm, Transaction costs theory and Network theory. Subsequently, the articles were submitted to comparisons to identify convergences and divergences under an analytical perspective. The conclusion discussed the main critics and contributions of the Brazilian Journals. The authors proved the application of certain points of the Nordic or Uppsala approach in Brazil, whilst they criticize the temporal and special dimensions. The eclectic approach raised issues on the role of subsidiaries and corporate governance. The transaction costs theory is criticized for the lack of emphasis on partnership learning. As for the network cooperation and international alliances approach the level of resource commitment control is emphasized.

Keywords: Internationalization, International Business, Brazilian Publication, International Publication.

1 INTRODUÇÃO

Os artigos científicos brasileiros na área de Administração têm pouca expressão nos periódicos internacionais (Rodrigues; Carrieri, 2001). Segundo Rodrigues e Carrieri (2001, p. 86), “a influência do pensamento anglo-saxônico deu-se não somente por influxo das multinacionais que passaram a atuar no Brasil, mas também pela influência dos scholars americanos que contribuíram na fundação dos programas gerenciais”. Vergara e Pinto (2001), realizou um estudo sobre os periódicos brasileiros e verificaram que a grande maioria das referências é estrangeira.

Mintzberg (2000) ressaltou a importância de se analisar teorias de formação estratégica separadamente em escolas de pensamento para possibilitar o entendimento do todo. O processo de internacionalização de empresas congrega várias teorias, onde uma das mais conhecidas tem origem nos países nórdicos. Johanson e Vahlne (1977) são suecos e aparecem no topo da lista de citações de um dos principais periódicos dos Estados Unidos. O crescente interesse nas questões que envolvem os países em desenvolvimento pode ser uma oportunidade para a disseminação de produção acadêmica e internacionalização dos autores brasileiros.

O “Journal of International Business Studies (JIBS)”, disponibiliza os 25 artigos mais citados do periódico para download com a intenção de promover algumas de suas melhores pesquisas (JIBS, 2010). Os artigos dos principais periódicos de administração do Brasil também estão disponíveis ao acesso de todos como forma de avaliar a produção científica do país e aumentar sua visibilidade internacional (Meneghini, 1998). O acesso a esse tipo de conhecimento permite que sejam feitas comparações entre o reconhecido periódico internacional e seus reflexos na produção acadêmica no Brasil sobre processos de internacionalização.

Presentes essas condições, evidencia-se a importância de conhecer o estado da pesquisa em processos de internacionalização no Brasil em relação com a produção científica internacional. Diante dessa problemática, este artigo analisa a influência do “Journal of International Business Studies (JIBS)” nos periódicos brasileiros.

Na próxima seção os artigos são explorados e as convergências ou divergências são estabelecidas entre os autores. Posteriormente são apresentados os procedimentos metodológicos da pesquisa. Na sequência é apresentada a influência do “Journal of International Business Studies (JIBS)” nos periódicos brasileiros. Na seção seguinte é realizada uma discussão e na última seção são apresentadas as considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Considerações gerais sobre os artigos de periódicos brasileiros

Nesta seção, foi realizada uma revisão individual de 17 artigos dos periódicos brasileiros selecionados para a pesquisa por conterem citações dos 25 artigos mais citados no JIBS e abordarem o tema de processos de internacionalização de empresas. Dos 25 artigos JIBS, 17 foram citados pelos 17 trabalhos brasileiros constantes das publicações RAC, BAR e RAE.

A Tabela 1 apresenta uma classificação dos trabalhos, considerando os seguintes aspectos: a metodologia de pesquisa aplicada; a contribuição em termos de construção de teoria, para o desenvolvimento de teoria e modelos conceituais para a formulação e implementação efetiva de estratégias em processos de internacionalização, ou de testar teoria, para a implementação e avaliação de estratégias em processos de internacionalização; e o conteúdo e as principais conclusões, seguindo os parâmetros de

PROCESSOS DE INTERNACIONALIZAÇÃO: A INFLUÊNCIA DO JOURNAL OF INTERNATIONAL BUSINESS STUDIES EM PERIÓDICOS BRASILEIROS

Prasad et al., (2001). Os autores estão agrupados por periódicos, seguindo a ordem do ano de publicação, e contêm ainda a quantidade de citações dos artigos JIBS.

Em seguida os artigos são comparados por abordagem em processos de internacionalização, apresentando convergências e divergências entre os artigos JIBS e os artigos dos periódicos brasileiros. Isso possibilita a realização de observações em termos da influência exercida pelo JIBS nos trabalhos brasileiros, como exemplificado na Tabela 2 que ilustra a quantidade de citações existentes.

Tabela 1 - Sumário dos estudos conduzidos sobre processos de internacionalização em periódicos brasileiros com citações de artigos top 25 JIBS

Autores em Periódicos Brasileiros	Intenção do Artigo / Metodologia	Artigo / (Quantidade de Citações JIBS)
RAC - Costa e Lopes (2010)	Testar teoria / Descritivo	Analisa a formação de consórcios para a participação em projetos de exploração com base no risco Brasil, e no preço internacional do petróleo. (1)
RAC - Massote, Rezende e Versiani (2010)	Testar teoria / Estudo de caso	Analisa processos de internacionalização, a partir da dinâmica dos relacionamentos interorganizacionais; e sua operação em múltiplos contextos espaciais (nacional e internacional) (2)
RAC - Franco (2007)	Construir teoria / Empírico	Análise de quatro dimensões de cooperação na indústria portuguesa: intencional, improvisado, exploratório, e estratégico. Conclui que essas dimensões não são únicas e não apresentam sempre os mesmos padrões de comportamento. (1)
RAC - Paiva e Hexsel (2005)	Testar teoria / Estudo de caso	Avalia o processo de inserção internacional, considerando as decisões tomadas ao longo da cadeia de valor por meio de múltiplos estudos de caso. Utiliza enfoque na gestão de operações e segue uma lógica de estágios e de escolhas estratégicas. O estudo permitiu identificar uma mudança a partir de abordagem local até uma posição global em todas as atividades ao longo da CVO. (4)
RAC – Hilal e Hemais (2003)	Testar teoria / Empírico	Procura de pontos de convergência entre os modos suecos e brasileiros de expansão das firmas além-fronteiras (2)

**PROCESSOS DE INTERNACIONALIZAÇÃO: A INFLUÊNCIA DO JOURNAL OF
INTERNATIONAL BUSINESS STUDIES EM PERIÓDICOS BRASILEIROS**

RAC – Rezende (2003)	Construir teoria / Revisão de literatura	Análise de processos de internacionalização, realizada como modos de operação (arranjo institucional) baseada na combinação de conceitos da literatura de entrada em mercados internacionais, internacionalização e desenvolvimento de subsidiárias para a construção de um framework integrado. (3)
RAC - Klotzle (2002)	Testar teoria / Revisão de literatura	Análise da teoria dos recursos empresariais (ganhar acesso a recursos valiosos com parcerias) e a teoria de aprendizagem organizacional (processo de transferência de conhecimentos e habilidades em parcerias). (2)
BAR - Ferreira e Serra (2010)	Construir teoria / Estudo de caso	O artigo utiliza a teoria de custo transacional e a visão baseada em recursos para discutir os modelos de relacionamento (fazer ou comprar) cliente-fornecedor (terceirização) em indústrias maduras que são pressionadas pela globalização a mudar o paradigma e assumir riscos. Conclui-se que esses relacionamentos são confiáveis, estáveis e eficientes, permitindo que a empresa possa focar nas <i>core competences</i> e reduzir o custo transacional. (1)
BAR – Ogasavara (2010)	Testar teoria / Empírico	Oferece Análise do impacto da experiência de conhecimento local e internacional de uma multinacional e suas subsequentes decisões de investimento no desenvolvimento de subsidiárias de empresas japonesas no Brasil. (3)
BAR – Ritossa e Bulgacov (2009)	Construir teoria / Survey	Investiga os impactos da internacionalização e diversificação de estratégias nos resultados econômicos e sociais de uma cooperativa. (2)
BAR – Carneiro, Rocha e Silva (2008)	Construir teoria / Descritivo	Propõe hipóteses alternativas ao Uppsala, como características específicas de serviços ou combinações de variáveis ambientais e características de serviço. (6)
BAR - Seifert e Machado Da Silva, (2007)	Construir teoria / Empírico	Análise da estratégia de internacionalização como um fenômeno cognitivamente mediado pelas pressões ambientais e de recursos na organização, em contraposição às teorias de abordagem econômica (DUNNING, 1980) e comportamental (OVIATT; MCDOUGALL, 1994). (4)

**PROCESSOS DE INTERNACIONALIZAÇÃO: A INFLUÊNCIA DO JOURNAL OF
INTERNATIONAL BUSINESS STUDIES EM PERIÓDICOS BRASILEIROS**

BAR – Torres e Pérez-Nebra (2007)	Testar teoria / Survey	O estudo observa os valores e quais diferenças culturais impactam na escolha do destino de turismo de consumidores, enfatizando diferenças entre culturas individualistas e coletivistas. (1)
BAR – Rezende (2006)	Construir teoria / Revisão de literatura	Destaca os efeitos da interdependência dos processos simultâneos (espaciais e temporais contingentes uns aos outros) de internacionalização de multinacionais (não é o foco do Uppsala), combinando a literatura de processos de internacionalização com literatura em desenvolvimento de multinacionais e subsidiárias. (3)
RAE – Ferreira, Li e Serra (2010)	Construir teoria / Descritivo	Apresenta o conceito de multimercado, onde subsidiárias podem competir em múltiplos espaços na sua matriz produtos-mercados, gerando risco para a transferência de conhecimento, ou de tecnologia, dentro das multinacionais. Propõe modelos mais flexíveis de coordenação e controle das subsidiárias, havendo o alinhamento entre estratégia internacional e a estrutura organizacional, e do sistema de recompensas em prática. (1)
RAE – Rezende e Versiani (2010)	Construir teoria / Estudo de caso	Propõe quatro grupos tipológicos distintos em processos de internacionalização com a conjunção entre o modelo relacional de internacionalização e a literatura de desenvolvimento de subsidiárias. (2)
RAE - Honório (2009)	Construir teoria / Survey	Identificação de determinantes organizacionais e estratégicas que influenciam o grau de internacionalização da firma. Conclui que o processo de internacionalização ocorre de forma sequencial analítica e procedimental; sendo influenciado pelo tamanho da firma nas escolhas estratégicas e pela experiência internacional (organizacional) de forma <i>top-down</i> (estrategicamente). (2)

Fonte: autor

2.2 Escola Nórdica ou de Uppsala e considerações sobre internacionalização em periódicos brasileiros.

A teoria da firma (CYERT; MARCH, 1963), influenciou no surgimento da escola de Uppsala por Johanson e Vahlne (1977). Eles procuravam uma explicação teórica, sobre

a influência da estrutura de negócios e de fatores econômicos nos padrões e ritmos de internacionalização das empresas. A escola nórdica também de origem sueca, se utilizou dos fundamentos do modelo Uppsala, lidando com algumas de suas controvérsias; assim o modelo deixou de ser examinado puramente sob a perspectiva econômica e incluiu a análise sob a perspectiva da Teoria do Comportamento Organizacional. Essa linha comportamental de pensamento considera o processo de internacionalização como dinâmico e tem como foco empresas de forma individual. Os resultados de uma decisão são utilizados como forma incremental de acumulação de conhecimento para auxiliar as próximas operações da empresa (JOHANSON; VAHLNE, 1977; CARNEIRO et al., 2008).

Carneiro et al. (2008) propõem hipóteses alternativas utilizando um conceito contingencial para a internacionalização de serviços. Para eles é importante que sejam utilizadas características específicas ou diferentes combinações de variáveis ambientais de serviços para cada contexto, considerando suas singularidades.

Partindo de pressupostos teóricos, Andersen (1993) afirma, em oposição à operacionalização incremental, que a que o relacionamento entre conhecimento de mercado e comprometimento de mercado não ocorrem de forma direta como resultado. A fragilidade do modelo Uppsala é ressaltada pelo fato dele estar relacionado aos estágios iniciais de internacionalização e de ser necessário o desenvolvimento do conceito incorporando mais elementos que influenciem nas estratégias das empresas. Para o autor, o padrão gradual do processo de internacionalização das empresas pode ser atribuído a duas razões: (1) à falta de conhecimento experimental da empresa e (2) à incerteza associada à decisão de internacionalizar.

Rezende (2006), também questiona o modelo Uppsala em relação à interdependência dos processos temporais e espaciais que ocorrem de forma simultânea e contingente ao processo de internacionalização. O autor combina a literatura de processos de internacionalização com literatura em desenvolvimento de multinacionais e subsidiárias para aplicar o conceito de *loosely coupled system*, onde a independência e interdependência das operações modelam as multinacionais, e suas formas de organizar atividades internacionalmente. Para o autor, a internacionalização não ocorre de forma única, mas em processos interativos e interligados em rede. Ferreira et al, (2010) questionam também o papel das subsidiárias no acúmulo e transferência de conhecimento

interno das empresas que devido à autonomia proporcionada em novos arranjos, podem a concorrer com outras subsidiárias do mesmo grupo em mercados iguais, levando a um efeito prejudicial para a organização.

Outros aspectos, como o conhecimento, foram destacados por Kogut e Singh (1988) para processos de internacionalização. Eles afirmam que estudos teóricos apontaram a importância da experiência de conhecimento de um determinado país na tomada de decisão. Com o aprendizado local a empresa tende a mudar o comportamento em relação à sua forma de investir. Em estudo sobre multinacionais japonesas no Brasil, Ogasavara (2010) observou o impacto da experiência de conhecimento internacional para no aumento de desempenho de subsidiárias.

A visão baseada em conhecimento para as multinacionais também foi considerada por Kogut e Zander (1993), que é o fluxo interno, de conhecimento tácito interno, para além das fronteiras do país sede, a ser explorado de forma mais eficiente do que os mecanismos de mercado. No Brasil, Seifert e Machado Da Silva (2007) utilizaram esse conceito para explicar a influência do ambiente nos processos de internacionalização sob uma perspectiva institucional e tecnológica que leva em conta trajetória internacional das empresas.

O entendimento dos aspectos culturais de um dado país também tem importância estratégica, segundo a análise de Hofstede (1983) que analisou como isso pode impactar nas preferências e características de cada nação. Ele observou a influência da cultura nos valores nacionais e de motivação dos cidadãos, descrita em dimensões determinadas. Torres e Pérez-Nebra (2007) utilizaram a dimensão, individualismo-coletivismo, para avaliar as preferências dos indivíduos no estabelecimento de objetivos (pessoais ou em grupo); o que pode ser útil para o desenvolvimento de estratégias para inserção de produtos ou serviços em determinados países.

Mesmo com tantos questionamentos e paradigmas presentes na aceitação do modelo incremental, o processo de estágios também passou a ser reconhecido como modelo para desenvolvimento exportações aplicável fora da Suécia (BILKEY; TESAR, 1977). Hilal e Hemais (2003) comprovaram em pesquisa os principais pontos da escola nórdica no processo de internacionalização de empresas brasileiras que ocorreu de forma sequencial e *ad-hoc*, influenciados pelas redes de relacionamento, com a exploração de

relacionamentos específicos com outros atores; e pela distância psíquica que é a soma dos fatores que interferiam no fluxo de informação entre países.

2.3 O paradigma eclético das ações no mercado internacional

Dunning (1980), propôs o paradigma eclético que tem como idéia central os parâmetros OLI: *ownership* (posse), *location* (localização) e *internalization* (internalização), para auxiliar na determinação do modo de entrada para a realização de investimento direto em mercados externos. Quanto mais vantagens possuir, maior as chances de uma firma utilizar um modo de entrada com elevado nível de participação e comprometimento.

Seifert e Machado Da Silva (2007), observaram a estratégia de internacionalização como um fenômeno dinâmico e aplicaram um modelo teórico integrado de internacionalização que congrega a influência do contexto ambiental e a disponibilidade de recursos dentro da organização. Foram verificadas as influências cognitivas internas e externas à firma. Eles evidenciaram a importância do papel do líder para a interpretação e avaliação das informações utilizadas na tomada de decisão. Enquanto Seifert e Machado Da Silva (2007), reconheceram o papel do líder, como filtro cognitivo das pressões ambientais na organização, a liderança é ignorada pela racionalidade das teorias econômicas, e esbarra no determinismo das teorias comportamentais.

Dunning (1988), ressaltou a importância da similaridade de objetivos para dar respostas aos sinais econômicos e desenvolver os objetivos de forma racional. Paiva e Hexcel (2005), apresentaram estudos sobre a empresa brasileira Muri, que tinha o objetivo de encontrar um parceiro internacional para adquirir conhecimento técnico, viabilizando assim seu processo de expansão global. Dunning (1995), forneceu uma contribuição teórica para entradas em mercados externos, reavaliando o paradigma eclético em função do impacto das alianças estratégicas e os novos relacionamentos inter-firmas, que levam a possibilidade de alcance de vantagens competitivas como consequência das estruturas sócio-institucionais com base nas pressões do capitalismo de mercado.

Rezende (2003), utilizou em uma pesquisa, conceitos da escola econômica, juntamente com teorias de processos de internacionalização, e de desenvolvimento de subsidiárias da escola comportamental. Ele procurou entender como as firmas

internacionalizam suas operações, e definem uma sequência de arranjos institucionais ou de governança para as ações no exterior. Ferreira e Serra (2010), também consideram a governança no nível de alinhamento hierárquico e o seu papel no desempenho da empresa. A influência das políticas macroeconômicas e o desenvolvimento tecnológico impactam diretamente na política de avaliação de riscos de investimentos diretos nas multinacionais (Dunning, 1998), que têm a chance desenvolverem o processo de governança devido o aumento bens intangíveis e capital intelectual.

Empresas multinacionais procuram países com ambientes econômicos e institucionais que favoreçam o desenvolvimento de suas competências centrais (Dunning, 1998). Elas utilizam as alianças estratégicas para ganhar acesso a recursos valiosos nas parcerias e aprender com o processo de transferência de conhecimentos e habilidades (Klotzle, 2002).

A abordagem do comportamento eclético é criticada por seu comportamento aparentemente contraditório em face ao risco. Enquanto Kim e Hwang (1992), afirmam que o estabelecimento de *joint ventures* pode ser uma forma de compartilhamento de responsabilidades em ambientes de alto risco; Robock e Simmonds (1989), observam a existência oportunidades para as firmas ao entrarem em novos mercados sem utilização de parceiros, com o objetivo de aumentar a obtenção individual de retorno.

O modelo OLI também é criticado por ignorar o impacto de fatores como os objetivos da firma, o tomador de decisão e a situação contingencial que o cerca quando a decisão do modo de entrada internacional é tomada (Zhao; Suh, 2004).

2.4 Teoria dos custos transacionais

Anderson e Gatignon (1986), desenvolveram um framework integrado, derivado de organizações industriais, que utiliza a ponderação entre *tradeoffs* e a maximização da eficiência de longo prazo (eficiência econômica). Na literatura de modos de entrada, o controle é o principal fator para a tomada de decisão, ele possibilita equilibrar a assunção de riscos e a probabilidade de retorno por comprometer recursos eficientemente, e ainda preservar a flexibilidade em ambientes de incerteza interna e externa, e internacional. Rezende (2003), considera o modo de entrada como a primeira teoria a ser integrada num

framework de modos de serviço, onde os custos têm papel fundamental, assim como as escolhas realizadas nos estágios iniciais de internacionalização de uma empresa.

Beamish e Banks (1987), consideram a teoria de internalização na condução dos negócios pela firma que varia de acordo com as incertezas e os intermediários que podem levar às imperfeições de mercado em ambientes complexos. As *joint ventures* são uma opção frequente para multinacionais em processos de internacionalização, especialmente em países em desenvolvimento. Klotzle (2002), questiona o fato dos estudos anteriores não comprovarem satisfatoriamente a relação entre recursos de parceiros e desempenho da aliança estratégica internacional. Ele propõe a combinação da teoria dos recursos empresariais e a teoria de aprendizagem organizacional para o alcance de desempenho superior e desenvolvimento da capacidade de aprendizado mútuo, possibilitando que haja uma transferência eficiente e assimilação dos recursos materiais e intangíveis. Contribuições nesse sentido podem beneficiar a realidade brasileira que possui grande quantidade de *joint ventures* estabelecidas.

Erramili (1991), investigou os efeitos do fator experiência no comportamento de entradas em mercados exteriores de firmas de serviços. O foco é no processo de decisão de entrada, onde são analisadas as dimensões e o escopo relacionado à seleção do mercado, e à escolha de um modo de entrada. Assim quando os custos e os riscos de controle são baixos, as multinacionais apresentam maior capacidade de estabelecer modelos integrados, possibilitando a redução de custos transacionais. Em relação aos modos de entrada ele conclui que o relacionamento entre experiência e controle desejado pode ser U-shaped (em formato de U), com um início de incerteza e alto controle; e com tendência ao declínio e subsequente aumento do controle novamente.

Massote et al., (2010), em estudo também no setor de serviços, questionaram a diferença entre a internacionalização industrial e a internacionalização no setor de serviços. Nesse contexto as firmas de serviços *soft* tendem a se aproximar mais dos clientes e a comprometer mais recursos para atingir seus objetivos e reduzir os custos. Nesse contexto, o desenvolvimento dos relacionamentos interorganizacionais em múltiplos contextos com os clientes nacionais foi mutuamente contingente aos relacionamentos internacionais com a sede, havendo influência em ambas as direções.

Carneiro et al., (2008), também argumentam sobre a influência das contingências para a internacionalização dos serviços, e concluíram que o conceito de comprometimento

gradual não se aplica às firmas de serviços que estejam exclusivamente à procura de mercados e retorno econômico.

2.5 Redes de cooperação e alianças internacionais

Para Parkhe (1991), a diversidade das alianças relacionada às características dos parceiros leva empresas a se adaptarem aos ambientes nacionais interfirmas. O autor foca sua pesquisa no “aprendizado organizacional e adaptação como processos críticos que moderam dinamicamente o impacto da diversidade na longevidade e efetividade da aliança.” (Parkhe, 1991, p. 579). Franco (2007), propõe uma tipologia para processos de cooperação empresarial que são classificados como intencional, improvisado, exploratório e estratégico, que foram analisados no contexto de Portugal. As várias possibilidades de combinação levam os gestores a adotarem processos de cooperação que devem se adequar às singularidades condicionadas de cada contexto para a gestão de acordos e alcance dos objetivos.

Agarwal e Ramaswami (1992), examinaram o impacto dos inter-relacionamentos entre fatores de vantagem de posse (tamanho da forma, experiência multinacional e capacidade de desenvolvimento), de localização (potencial do mercado e risco do investimento) e de internalização (riscos contratuais), na escolha do modo de entrada da firma no exterior classificadas como sem envolvimento, voltada para exportação, *joint venture*, *sole venture* ou licenciamento. Eles utilizaram como parâmetro, a percepção gerencial para medir os fatores de firmas interessadas em fornecer serviços em mercados externos. Carneiro et al., (2008), em relação às considerações anteriores, afirmam que em circunstâncias de alto risco contratual, as firmas optam por modos de entrada de alto controle e comprometimento desde o início do processo de internacionalização, pulando etapas e ignorando assim uma sequência incremental. Essa seria uma forma utilizada pelos gerentes de ajustarem o risco de retorno sobre investimento.

Oviatt e Mcdougall (1994), incluíram as *new ventures* internacionais (organizações que são internacionais desde o início), num modelo que integra as teorias do empreendedorismo, de negócios internacionais e de gerenciamento estratégico. Em relação aos instrumentos de governança, eles defendem que a formação das redes de relacionamentos depende do nível de controle a ser empregado. Acordos informais e

obrigações morais, ao invés de contratos formais, são uma forma de reduzir o processo de internacionalização possibilitando maior uso de estruturas alternativas de governança para transações, com a redução da utilização de recursos. Seifert e Machado Da Silva (2007), concordam com os autores acima na contestação de que várias firmas, especialmente na nova economia, não desenvolvem o processo de internacionalização em estágios.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo apresenta uma revisão de artigos sobre processos de internacionalização, presentes em três dos principais periódicos de administração do Brasil, a Revista de Administração Contemporânea (RAC), o Brazilian Administration Review (BAR) e a Revista de Administração de Empresas (RAE). O artigo analisa a influência dos 25 artigos mais citados no “Journal of International Business Studies (JIBS)”, nos artigos brasileiros, apresentando convergências e divergências entre os autores. O critério de seleção dos artigos dos periódicos brasileiros foi de apresentarem citações de artigos entre os 25 mais citados na JIBS e abordarem tema de processos de internacionalização de empresas. O período estudado das publicações brasileiras é entre o ano de 2002 e 2010.

A sequência sistemática e analítica de classificação dos trabalhos foi estabelecida considerando as categorias utilizadas por Brambilla (2010), para definir processos de internacionalização da firma. Os temas foram agrupados em: escola nórdica ou de Uppsala; paradigma eclético; teoria de análise dos custos transacionais; e a abordagem das redes de cooperação. Foi realizada ainda uma classificação metodológica dos artigos para auxiliar na pesquisa e validação dos achados (Prasad, et al., 2001). De acordo com Fernandez-Alles e Ramos-Rodriguez (2009), é recomendável a utilização de artigos de periódicos qualificados em estudos desta natureza, por serem criticamente revisados por outros pesquisadores, o que aumenta a confiabilidade do trabalho. Na próxima seção é realizada uma discussão e posteriormente as considerações finais são apresentadas.

4 A INFLUÊNCIA DO JIBS EM PERIÓDICOS BRASILEIROS

A Tabela 2 apresenta o número de citações dos autores JIBS nas publicações brasileiros. Dos 25 artigos mais citados na JIBS, 17 foram citados por autores brasileiros

nos periódicos RAC, RAE e BAR. O período analisado das publicações brasileiras é entre o ano de 2002 e 2010, devido à ausência de citações sobre os referidos autores da JIBS antes desse período, assim como no ano de 2011 até a conclusão do estudo no mês de fevereiro.

O autor mais citado na JIBS com 847 citações (descontando as citações próprias), também foi o autor mais citado nos periódicos selecionados, com 11 citações, entre os autores que utilizaram a referência em pesquisas de processos de internacionalização. Existe assim, uma aparente predominância de citações de autores da escola nórdica ou Uppsala e da escola eclética. Essa tendência segue também a proporção das escolas mais citadas na lista JIBS, onde os paradigmas comportamentais e econômicos de internacionalização estão no topo da lista de referências.

Tabela 2: Número de citações do top 25 JIBS em periódicos brasileiros

Citações	Autores
11	Johanson e Vahlne (1977)
4	Kogut e Zander (1993)
3	Dunning (1995); Andersen (1993); Anderson e Gatgton (1986)
2	Oviatt e Mcdougall (1994); Erramilli (1991); Sullivan (1994)
1	Kogut e Singh (1988); Hofstede (1983); Bilkey e Tesar (1977); Dunning (1980); Dunning (1988); Beamish e Banks (1987); Parkhe (1991); Agarwal e Amaswami (1992); Geringer e Hebert (1991)

Fonte: autor

Outro parâmetro observado nos artigos brasileiros foi que 10 entre os 17 artigos selecionados têm o objetivo de construir teoria. Uma circunstância verificada em vários trabalhos foi de que certos autores combinam mais de uma teoria, por vezes em forma de *framework* como Rezende (2003), Rezende (2006); e Ferreira e Serra (2010); ou mesmo contestam as teorias predominantes como Seifert e Machado Da Silva, (2007), para explicar o fenômeno da internacionalização, presentes na realidade dos países em desenvolvimentos, principalmente com a expansão das parcerias e investimentos internacionais no Brasil.

Quanto à metodologia utilizada, 7 entre 17, sendo 4 estudos de casos e 3 surveys, se utilizaram desse tipo de abordagem, o que pode apontar uma preocupação com casos

práticos de processos de internacionalização, ou mesmo a aplicação da teoria tendo em vista que outros 4 estudos foram classificados como empíricos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visto, existem varias críticas e contribuições dos sobre os trabalhos internacionais aqui apresentados. As críticas dos autores de periódicos brasileiros em relação ao modelo Uppsala se concentram em temas como dimensões temporais e espaciais (Rezende, 2006), ou as possíveis peculiaridades a serem enfrentadas no setor de serviços (Carneiro et al., 2008). Aspectos culturais são considerados para se traçar estratégias de mercado (Hofstede, 1983; Torres; Pérez-Nebra, 2007) e existem estudos que também comprovam a aplicação dos principais pontos da escola nórdica no Brasil (Hilal; Hemaïs, 2003).

Na abordagem eclética, as questões mais abordadas pelos autores brasileiros foram o paradigma do papel das subsidiárias e parcerias para a obtenção de recursos, e o alinhamento de objetivos por meio de uma governança efetiva (Rezende, 2003; Ferreira; Serra, 2010), existindo uma dicotomia entre a atuação com recursos próprios ou a participação em parceiras (Kim; Hwang, 1992).

A teoria dos custos transacionais é questionada por não enfatizar de forma prática o desempenho do aprendizado em conjunto nas parcerias (Klotzle, 2002). Existe também a necessidade de entendimento das diferenças entre os processos de internacionalização de setores industriais e de serviços.

E finalmente, em relação às redes de cooperação e alianças internacionais, Carneiro et al., (2008), ressaltam a importância de se equilibrar o nível de controle em relação aos recursos comprometidos para aprimorar as alianças.

As limitações do estudo estão nas restrições de análises qualitativas; na dificuldade de classificação dos trabalhos para inclusão teórica em certas abordagens; e no número restrito de artigos identificados dentro dos parâmetros metodológicos propostos. Primeiro, o caráter interpretativo das convergências e divergências entre os artigos limita a análise dos resultados. Segundo, a classificação dos artigos (Brambilla, 2010), pode não coincidir com a classificação realizada em outros trabalhos. Terceiro, dos 25 trabalhos mais citados

do JIBS, apenas 17 foram citados pelos periódicos brasileiros, o que restringe a bibliografia a ser abordada.

Futuros estudos poderiam considerar outros periódicos importantes na área de negócios internacionais, como o *Management International Review*; o *Journal of World Business*; e o *International Business Review* para a análise de convergências de divergências em relação aos periódicos brasileiros, possibilitando a identificação e comparação de outras abordagens e escolas de pensamento que venham a emergir.

Portanto, este estudo procura contribuir com a área de processos de internacionalização apresentando uma revisão da produção acadêmica internacional e seu impacto nos periódicos brasileiros e com a abertura do debate para o aprofundamento do tema de processos de internacionalização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGARWAL, S.; RAMASWAMI, S. N. Choice of Foreign Market Entry Mode: Impact of Ownership, Location and Internationalization Factors. **Journal of International Business Studies**, v. 23, n. 1, p. 1-27, 1992.

ANDERSEN, O. On the Internationalization Process of Firms: A Critical Analysis. **Journal of International Business Studies**, v. 24, n. 2, p. 209-231, 1993.

ANDERSON, E.; GATIGNON, H. Modes of Foreign Entry: A Transaction Cost Analysis and Propositions. **Journal of International Business Studies**, v. 17, n. 3, p. 1-26, 1986.

BEAMISH P. W.; BANKS J. C. Equity joint ventures and the theory of the multinational-enterprise. **Journal of International Business Studies**, v. 18, n. 2, p. 1-16, 1987.

BILKEY, W. J.; NES, E. Country-of-Origin Effects on Product Evaluation. **Journal of International Business Studies**, v.13, n.1, p.89-99, 1982.

BRAMBILLA, F. R. What Top 25 Most Cited JIBS Articles Can Tell Us about the Firms Internationalization Process?. In: XIII SIMPÓSIO DE ADMINISTRAÇÃO DA PRODUÇÃO, LOGÍSTICA E OPERAÇÕES INTERNACIONAIS (SIMPOI), **Anais...** São Paulo, FGV-EAESP, v. 13, p. 1-16, 2010.

CARNEIRO, J.; ROCHA, A.; SILVA, J. F. Challenging the Uppsala internationalization model: a contingent approach to the internationalization of services. **Brazilian Administration Review**, v. 5, n. 2, p. 85-103, 2008.

COSTA, A. R.; LOPES, F. D. Participação de empresas estrangeiras e consórcios em leilões de blocos exploratórios de petróleo e gás no Brasil. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 14, n. 5, p. 798-817, 2010.

CYERT, R. M.; JAMES G. M. **A behavioral theory of the firm**. Englewood Cliffs, 1963.

DUNNING, J. H. Location and the Multinational Enterprise: A Neglected Factor? **Journal of International Business Studies**, v. 29, n. 1, p. 45-66, 1998.

DUNNING, J. H. Reappraising the Eclectic Paradigm in an Age of Alliance Capitalism. **Journal of International Business Studies**, v. 26, n. 3, p. 461-491, 1995.

DUNNING, J. H. The eclectic Paradigm of International Production: A Restatement and Some Possible Extensions. **Journal of International Business Studies**, v. 19, n. 1, p. 1-31, 1988.

DUNNING, J. H. Toward an Eclectic Theory of International Production: Some Empirical Tests. **Journal of International Business Studies**, v. 11, n. 1, p. 9-31, 1980.

ERRAMILLI, K. The experience factor in foreign-market entry behavior of service firms. **Journal of International Business Studies**, v. 22, n. 3, p. 479-501, 1991.

FERNANDEZ-ALLES, M.; RAMOS-RODRIGUEZ, A. Intellectual structure of human resources management research: A bibliometric analysis of the journal Human Resource Management, 1985-2005. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v. 60, n. 1, p. 161-175, 2009.

FERREIRA, M. P.; LI, D.; SERRA, F. A. R. Transferência internacional de conhecimento na multinacional: quando o jogo competitivo multimercado se sobrepõe aos mecanismos internos de coordenação. **Revista de Administração de Empresas**, v. 9, n. 1, 2010.

FERREIRA, M. P.; SERRA, F. A. R. Make or buy in a mature industry? models of client-supplier relationships under TCT and RBV perspectives. **Brazilian Administration Review**, v. 7, n. 1, p. 22-39, 2010.

FRANCO, M. J. B. Tipologia de processos de cooperação empresarial: uma investigação empírica sobre o caso português. **Revista de Administração Contemporânea** v. 11, n. 3, p. 149-176, 2007.

GERINGER, J. M.; HEBERT, L. Measuring Performance of International Joint Ventures. **Journal of International Business Studies**, v. 22, n. 2, p. 249-263, 1991.

HANSEN, M. T. The search-transfer problem: the role of weak ties in sharing knowledge across organization subunits. **Administrative Science Quarterly**, v. 44, n. 1, p. 82-111, 1999.

HILAL, A.; HEMAIS, C. A. O processo de internacionalização na ótica da escola nórdica: evidências empíricas em empresas brasileiras. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 7, n. 1, p. 109-124, 2003.

HOFSTEDE, G. The Cultural Relativity of Organizational Practices and Theories. **Journal of International Business Studies**, v. 14, n. 2, p. 75-89, 1983.

HONÓRIO, L. C. Determinantes organizacionais e estratégicos do grau de internacionalização de empresas brasileiras. **Revista de Administração de Empresas**, v. 49, n. 2, p. 162-175, 2009.

JABBOUR, C. J. C.; SANTOS, F. C. A.; BARBIERI, J. C. Gestão ambiental empresarial: um levantamento da produção científica brasileira divulgada em periódicos da área de administração entre 1996 e 2005. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 12, n. 3, p. 689-715, 2008.

JIBS: Journal of International Business Studies. Most Cited JIBS Articles. **Disponível em:** < <http://www.palgrave-journals.com/jibs/most-cited.html> >. Acesso em: [15/11/2010].

JOHANSON J.; VAHLNE J. E. Internationalization process of firm – a model of knowledge development and increasing foreign market commitments. **Journal of International Business Studies**, v. 8, n. 1, p. 23-32, 1977.

KIM, W. C.; HWANG, P. Global Strategy and Multinationals' Entry Mode Choice. **Journal of International Business Studies**, v. 23, n. 1, p. 29-53, 1992.

KLOTZLE, M. C. Alianças estratégicas: conceito e teoria. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 6, n. 1, p. 85-104, 2002.

KOGUT, B.; SINGH, H. The effect of national culture on the choice of entry mode. **Journal of International Business Studies**, v. 19, n. 3, p. 411-432, 1988.

KOGUT, B.; ZANDER U. Knowledge of the firm and the evolutionary theory of the Multinational corporation. **Journal of International Business Studies**, v. 24, n. 4, p. 625-645, 1993.

MASSOTE, C. G.; REZENDE, S. F. L.; VERSIANI, Â. F. A dinâmica de relacionamentos nacionais e internacionais em processos de internacionalização: um estudo de caso de uma agência norte-americana de publicidade no mercado Brasileiro. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 14, n. 1, p. 61-79, 2010.

MENEZES, R. Avaliação da produção científica e o Projeto SciELO. **Ciência da Informação**, v. 27, n. 2, p. 1998.

MINTZBERG, H.; AHLSTRAND, B.; LAMPEL, J. **Safári de estratégia: um roteiro pela selva do planejamento estratégico**. Porto Alegre: Bookman, 2000.

OGASAVARA, M. H. The role of experiential knowledge and subsequent investment decisions on the profitability of japanese companies in Brazil. **Brazilian Administration Review**, v. 7, n. 1, p. 59-78, 2010.

OVIATT, B. M.; McDOUGALL, P. P. Toward a Theory of International New Ventures. **Journal of International Business Studies**, v. 25, n. 1, p. 45-64, 1994.

PAIVA, E. L.; HEXSEL, A. E. Contribuição da gestão de operações para a internacionalização de empresas. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 9, n. 4, p. 73-95, 2005.

PARKHE, A. Interfirm Diversity, Organizational Learning, and Longevity in Global Strategic Alliances. **Journal of International Business Studies**, v. 22, n. 4, p. 579-601, 1991.

PRASAD, S.; BABBAR, S.; MOTWANI, J. International Operations Strategy: Current Efforts and Future Directions, **International Journal of Operations and Production Management**, v. 21, n. 5/6, p. 645-655, 2001.

REZENDE, S. F. L. Internationalisation processes: an analytical framework. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 7, n. 2, p. 137-156, 2003.

REZENDE, S. F. L. Multinationals and interdependence in internationalisation processes. **Brazilian Administration Review**, v. 3, n. 1, p. 1-16, 2006.

REZENDE, S. F. L.; VERSIANI, A. F. Em direção a uma tipologia de processos de internacionalização. **Revista de Administração de Empresas**, v. 50, n. 1, p. 24-36, 2010.

RITOSSA, C. M.; BULGACOV, S. Internationalization and diversification strategies of agricultural cooperatives: a quantitative study of the agricultural cooperatives in the state of Parana. **Brazilian Administration Review**, v. 6, n. 3, p. 187-212, 2009.

ROBOCK, S.; SIMMONDS, K. **International business and multinational enterprise**. Homewood, Irwin, 1989.

RODRIGUES, S. B.; CARRIERI, A. P. A Tradição Anglo-Saxônica nos Estudos Organizacionais Brasileiros. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 5, edição especial, p. 81-102, 2001.

SEIFERT, J. R. E.; MACHADO-DA-SILVA, C. L. Environment, resources and interpretation: influences in the internationalization strategies of the food industry in Brazil. **Brazilian Administration Review**, v. 4, n. 2, p. 40-63, 2007.

SULLIVAN, D. Measuring the degree of internationalization of a firm. **Journal of International Business Studies**, v. 25, n. 2, p. 325-342, 1994.

TORRES, C. V.; PEREZ-NEBRA, A. R. The influence of human values on holiday destination choice in Australia and Brazil. **Brazilian Administration Review**, v. 4, n. 3, p. 63-76, 2007.

VERGARA, S. C.; PINTO, M. C. S. Referências teóricas em análise organizacional: um estudo das nacionalidades dos autores referenciados na literatura brasileira. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 5, edição especial, p. 103-121, 2001.

ZHAO, H.; LUO, Y.; SUH, T. Transaction cost determinants and ownership-based entry mode choice: A meta-analytical review, **Journal of International Business Studies**, v. 35 n. 6, p. 524-544, 2004.